

A GINÁSTICA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: A EXPERIÊNCIA DOCENTE COM CRIANÇAS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Emanuelle Justino dos Santos, Escola Municipal Professora Maria Dalva Gomes Bezerra,
emanuellejds@hotmail.com¹

RESUMO

Ginástica é tema da cultura de movimento, mas ainda se configura como uma prática muito elitizada. O estudo de Educação Física buscou possibilitar o acesso aos saberes ginásticos às crianças da escola pública, estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental. A metodologia foi o relato de experiência sobre o ensino da ginástica, com um total de 96 intervenções pedagógicas no primeiro bimestre de 2019, para oito turmas mistas, compostas por 199 crianças dos primeiros ao quinto anos. Como resultados, as crianças experimentaram os fundamentos da ginástica: balanceios, equilíbrios, saltos, giros, pirâmides, rolamentos, rotações, acrobacias com e sem materiais, de forma individual e/ou em pequenos grupos. Essa experiência possibilitou que as crianças identificassem suas potencialidades e limites corporais, respeitando as diferenças individuais e de desempenho corporal na realização dos movimentos gímnicos propostos nas aulas de Educação Física.

Palavras-chave: Educação Física; Ensino Fundamental; movimentos gímnicos; crianças.

INTRODUÇÃO

A ginástica tem origem europeia, apresentando para nossa corporeidade significações culturais e educativas advindas do século XIX. No século XX, a ginástica passou a ser influenciada fortemente pelo caráter esportivo, bem como essa prática corporal também ganhou finalidade estética, a partir dos anos de 1980, com o surgimento em massa das academias de ginástica. Hoje ela se apresenta como tema necessário da cultura de movimento a ser abordado na Educação Física escolar.

Assim, no Brasil do século XXI, vimos o aumento das ginásticas competitivas, devido ao destaque de ginastas do país em competições internacionais, “tanto na Ginástica Artística (antiga Ginástica Olímpica) quanto na Rítmica, modalidades consideradas tradicionais, em cujos pódios configuraram até algum tempo atrás apenas europeus e americanos” (OLIVEIRA, 2007, p.27). Como um dos exemplos inspiradores, temos o feito de Daiane dos Santos, criadora do famoso duplo *twist* carpado; ela foi a primeira ginasta brasileira a conquistar uma medalha de ouro em uma edição do Campeonato Mundial.

¹ Graduada em Educação Física. Mestra em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Com o apelo estético e de saúde, a divulgação sobre a importância da vivência regular de exercícios físicos vem ganhando força. Contudo, nem todas as práticas corporais são acessíveis a todos, inclusive a ginástica ainda se configurar como uma prática mais elitizada, estando, em muitas situações de ensino público, distante das experimentações corporais e estudos das crianças de nosso Brasil. Nesse sentido, reconhecemos a importância de sistematizar, apresentar, discutir e ressignificar a ginástica da/na escola. Dessa forma, tivemos a intenção de possibilitar o acesso aos saberes ginásticos às crianças, nas aulas de Educação Física dos anos iniciais do Ensino Fundamental na Escola Maria Dalva.

Por sua vez, a Educação Física é uma disciplina curricular que tem a especificidade de abordar os saberes do corpo e da cultura de movimento no processo de escolarização infantil. Somos seres de linguagem, culturais. Temos que aprender a falar, a escrever, a contar, a brincar, a se movimentar. Nos tornamos humanos à medida que estabelecemos relações com os outros (GONZÁLEZ; SCHWENGBER, 2012).

Entendemos corpo como possibilidade de expressão e existência humana, assim como entendemos cultura de movimento como termo sistematizador das práticas corporais produzidas na história das sociedades e tematizadas pela Educação Física Escolar, como afirma Melo (2006). Assim, nesse cenário, as crianças precisam ser introduzidas em um mundo em que suas histórias, culturas, modos de conviver, de pensar e linguagens sejam consideradas. É tarefa da educação apresentar-lhes o mundo, e da educação escolar, em particular, enriquecer a percepção deste, constituindo-se em uma nova janela para o mundo.

A escola preserva a tradição corporificada do mundo e instrumentaliza a geração presente para preservar a novidade de seu mundo. Ela é responsável, então, por traduzir os conhecimentos científicos, técnicos e estéticos de forma que a criança os compreenda e se sinta dentro desse mundo, como esclarecem González e Schwengber (2012).

Reconhecendo a especificidade do ato de ensinar, o grande desafio da Educação Física é fazer da sistematização das aulas momentos de aprendizados significativos para as corporeidades infantis da escola de Ensino Fundamental. No caso do presente artigo, buscamos socializar trechos das experimentações gímnicas vivenciados no estudo sobre a ginástica realizado no primeiro bimestre de 2019.

METODOLOGIA

Adotamos como metodologia de pesquisa o relato de experiência sobre o ensino da ginástica para oito turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Essa experiência teve início no dia 14 de março a 27 de maio de 2019, com um total de 96 intervenções pedagógicas de Educação Física na Escola Municipal Professora Maira Dalva Gomes Bezerra, situada no bairro Lagoa Azul, Zona Norte da cidade de Natal/RN. As turmas são compostas por 199 crianças, meninos e meninas, estudantes dos primeiros ao quinto anos. A maioria delas participam ativamente das aulas e estão dentro da faixa etária com relação ao ano que cursam. O trabalho objetiva relatar os ensinamentos e aprendizados sobre a ginástica compartilhados no primeiro bimestre deste ano, com as crianças do Ensino Fundamental.

O entorno da escola apresenta diversas práticas corporais dentro e fora de espaços comunitários, no ginásio Nélio Dias e no Centro Pastoral Dom Bosco, como brincadeiras, jogos, esportes, danças, lutas, musculação e explicitamente atividades aeróbicas nas academias. Neste sentido, é necessário considerar a cultura da qual as crianças estão inseridas, pois seus modos de vida, valores, contextos e infâncias são múltiplos, portanto, as formas de ser crianças são diversas, contendo vários saberes.

Considerando as experiências de movimento que as crianças já carregam, optamos por estudar algumas manifestações ginásticas, de modo a dialogar, navegar na internet, encontrando vídeos do *YouTube* e reportagens sobre as modalidades ginásticas, a exemplo da Ginástica Artística, buscando conhecer, interpretar, problematizar as diversas manifestações gímnicas existentes, suas significações culturais e esportivas, bem como vivenciar seus movimentos específicos, tais como: avião, rolamento, espacate, ponte, parada de mãos, três apoios, vela, estrelinha, balanceios, giros, saltos e poses (STALLIVIERI, 2017).

O ensino da ginástica buscou potencializar os saberes culturais, suas experiências cotidianas de movimento corporal e também o vocabulário gestual das crianças, permitindo que elas tenham vivências criativas e lúdicas das expressões gímnicas, superando seus limites corporais e, ao mesmo tempo, explorando as possibilidades gestuais, de modo a incentivar o contato com a ginástica para diferentes corpos infantis. Assim, o artigo está estruturado, em primeiro, com uma breve introdução, contendo uma visão geral do assunto tratado; em segundo, é descrita a metodologia empregada da experiência de ensino; em terceiro, são apresentados os resultados e discussão obtidos, fundamentados pelas relações entre referenciais teóricos sobre a ginástica e resultados experimentais da prática pedagógica de Educação Física; por fim, na quinta parte são explicitadas as considerações finais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Escola Maria Dalva Gomes Bezerra foi criada em 11 de março de 1993, inicialmente atendendo às turmas de 1ª a 5ª séries do Ensino Fundamental. Em 2007, a escola passou a ter prédio próprio e suas instalações foram ampliadas, ganhando um anexo destinado às turmas de Educação Infantil. A partir de então, ela recebeu alunos também entre 4 a 5 anos de idade, referente aos níveis III e IV, respectivamente.

A escola está localizada na rua Barueri, n. 270, conjunto Gramoré, bairro de Lagoa Azul, situado em uma região periférica da Zona Norte de Natal/RN. Os arredores da escola apresentam diversas práticas corporais. Várias atividades esportivas no Centro Pastoral Dom Bosco, onde são desenvolvidas também outras ações educativas na perspectiva de erradicação do trabalho infantil; futebol e vôlei em quadras poliesportivas, esportes radicais nas praças públicas; muitas atividades esportivas e culturais no ginásio Nélio Dias; por fim, ainda vemos em algumas regiões, pessoas velhas sentadas em baixo de uma árvore, vivenciando jogos de mesa e também as crianças brincando de diversas formas nas ruas, campos de areia, entre outros espaços abertos, próximos a suas residências; assim como também observamos a prática das lutas, musculação e outras atividades aeróbicas nas academias e nos espaços comunitários (NATAL, 2008).

Neste contexto, a experiência pedagógica com o conteúdo da Ginástica aconteceu durante o primeiro bimestre de 2019. Iniciamos nossos estudos dialogando sobre os desafios que as crianças enfrentam para chegar na escola. As respostas delas apresentam várias formas de deslocamentos, tais como: sair de casa, andar, subir ladeiras, pegar o ônibus. Ao serem motivadas a experimentarem outras formas de andar (de costas, de lado), de equilibra-se com apenas um dos pés, bem como com outras partes do corpo, as crianças começaram a experimentar outras formas de exercitar o corpo, vivenciando os primeiros contatos com o universo da Ginástica (DARIDO et al, 2017).

A estruturação metodológica de ensino se deu através da experimentação, fruição e identificação dos elementos básicos da Ginástica: balanceios, equilíbrios, saltos, giros, rolamentos, rotações, acrobacias com e sem materiais, de forma individual e/ou em pequenos grupos. Essa experiência possibilitou que as crianças identificassem suas potencialidades e limites corporais, respeitando as diferenças individuais e de desempenho corporal na realização dos movimentos gímnicos propostos nas aulas de Educação Física.

Inicialmente, utilizamos imagens impressas e apreciação de vídeos para que as crianças tivessem referências de outras crianças e adultos praticando Ginástica, bem como se permitissem a vivenciar determinados movimentos corporais gímnicos, tais como: avião, estrelinha, espacate, giros, parada de mãos, ponte, pirâmides, rolamentos, saltitos, saltos, três apoios, vela, manuseio de cordas, garrafas pet, bolas, fitas e arcos. Essas experiências gímnicas foram potencializadas com a colaboração de um estudante de Educação Física da Universidade Norte do Paraná, Rosênio Aracaty Caldas Neto, que realizou seu estágio curricular obrigatório, sob a supervisão da autora deste escrito.

Neste contexto, o ensino da ginástica se deu através da experimentação, fruição e identificação dos fundamentos da ginástica: balanceios, equilíbrios, saltos, giros, pirâmides, rolamentos, rotações, acrobacias com e sem materiais, de forma individual e/ou em pequenos grupos. Essa experiência possibilitou que as crianças identificassem suas potencialidades e limites corporais, respeitando as diferenças individuais e de desempenho corporal na realização dos movimentos gímnicos propostos nas aulas de Educação Física.



Figura 1 – À esquerda, jogo do tapete humano. À direita, rolamento coletivo.

Na Figura 1, à esquerda, com ajuda e orientação da professora de Educação Física, as crianças do primeiro ano vivenciaram o tapete humano. Uma das crianças faz rolamento em cima das demais com fruição, ludicidade e cuidado de si e também zelo com os corpos dos colegas. À direita, com orientação do estudante de Educação Física, Rosênio Caldas Neto, as crianças do quarto ano realizaram o rolamento coletivo de modo mais elaborado.



Figura 2 – À esquerda, pontes. À direita, túnel humano.

Na Figura 2, à esquerda, as crianças do quinto ano vivenciaram a ponte, permitindo-se ver o mundo de cabeça para baixo de modo lúdico e desafiador para algumas, que apresentaram dificuldade de manutenção dessa postura gímnica. À direita, as crianças dessa mesma turma se permitiram a vivenciar a brincadeira do túnel humano, desafiando-se a deixar seus pés suspensos, ficando de “pernas para o ar”, usando força dos braços, tronco e demais músculos do corpo, concentrando-se e identificando seus limites e possibilidades de manutenção de equilíbrio corporal. Além disso, elas interagiram com seus colegas, ora sendo o túnel, ora passando pelo túnel de modo dinâmico e muito divertido. Respondendo, assim, às propostas realizadas pela professora de Educação Física.



Figura 3 – Pirâmides humanas na sala e na quadra poliesportiva.

Na Figura 3, à esquerda, os meninos do quinto ano fizeram uma pirâmide tradicional, com alunos mais fortes na base, os intermediários no meio e o mais leve no topo. À direita, as meninas desta mesma turma também seguiram essa lógica, mas apenas uma ficou na base, dando todo o suporte para as demais garotas e formando outra imagem, no formato de U.



Figura 4 – Barangadam, à esquerda. Equilíbrio coletivo de bola, à direita.

A Figura 4, à esquerda, as crianças do segundo ano manuseiam o Barangadam² no pátio coberto da escola. Compartilham o brinquedo, exploram-no pelo corpo, brincam e realizam movimentos gímnicos diversos. À direita, manuseiam bolas, formam filas, com ajuda do estagiário, formam filas e fazem gestos que lembram a figura gímnica do avião.



Figura 5 – Uso de arcos e bolas em espaços alternativos da escola.

Na Figura 5, à esquerda, as crianças do primeiro ano manuseiam arcos no refeitório da escola. Compartilham o material, exploram pelo corpo e brincam. À direita, duas crianças do quarto ano dominam uma bola em seus corpos, fazem a vela, desfazem a posição, equilibram e se desafiam no tatame. Essas foram algumas das cenas vivenciadas nas aulas de Educação Física com as crianças da Escola Maria Dalva.

Nas cenas pedagógicas em destaque, podemos ver trechos de uma prática pedagógica que envolve circunstâncias da formação infantil, espaços e tempos escolares, opções de organização de trabalho docente, parcerias e significações que trazem corporeidades diversas, produções de sujeitos que são corpo. Essas crianças, no estudo da ginástica escolar, expressaram seus valores

² Brinquedo reciclável feito com papel A4/jornal, crepom colorido, fita adesiva e barbante.

culturais e dialogaram com os saberes gímnicos de modo lúdico, criativo, disponível, aberto a conhecer o novo, ressignificando suas experiências sensíveis, vivenciando a ginástica.

Segundo Nóbrega (2005), a corporeidade funda-se no corpo em movimento, configurando o espaço e o tempo, relacionando-se diretamente com a cultura, a história. Assim, a corporeidade é a matriz pela qual as expressões corporais são estruturadas pelas práticas corporais ao longo da história. Com esse entendimento, percebemos que a historicidade da ginástica não é apenas reproduzida, acessada, mas também vivida e reelaborada na contemporaneidade de suas experimentações corporais com as crianças, por meio do incentivo docente a criatividade e autonomia da expressão dos corpos nas aulas de Educação Física.

Refletindo sobre essa experiência pedagógica, pontuamos que o ensino da ginástica foi sistematizado por meio da contextualização histórica, na qual a reconhece como uma manifestação da cultura de movimento, que é praticada desde a Grécia Antiga, quando os soldados praticavam vários exercícios e acrobacias com o objetivo de fortificar seus corpos. Desde seu surgimento, segundo Soares et al (1992), a ginástica foi tida como “uma arte de exercitar o corpo nu”, englobando atividades como corridas, saltos, lançamentos, lançamentos e lutas. Caracterizando-se, assim, como “uma forma particular de exercitação onde, com ou sem o uso de aparelhos, abre-se a possibilidade de atividades que provocam valiosas experiências corporais, enriquecedoras da cultura corporal das crianças, em particular, e do homem, em geral” (SOARES et al, 1992, p.77).

Junto a contextualização histórica da ginástica, que deve ser abordada de acordo com as capacidades de entendimento das crianças, devemos abordar os fundamentos da ginástica, associando com as experiências de movimento delas, tendo o cuidado de trazer as formas elementares para as turmas dos primeiros a terceiros anos (saltos, rolamentos, posições simples), e as formas um pouco mais elaboradas, contendo um grau maior de desafios, para as turmas dos quartos e quintos anos (equilíbrios, saltos, rolamentos, exercícios de flexibilidade, exercícios de força, giros, transportes, pirâmides), com e sem aparelhos (GONZÁLEZ; SCHWENGBER, 2012); como podemos observar nas figuras dos resultados obtidos no estudo.

Dessa forma, coadunamos com a ideia de que nos anos iniciais do Ensino Fundamental, devemos abordar formas ginásticas que impliquem desafios de movimentos em situações de ambientes naturais, da estrutura física da escola, manipulação de materiais ginásticos, aprimoramento gestual, rítmico e expressivo, possibilitando sensações afetivas e cinestésicas, como prazer, medo, tensão, desagrado, enrijecimento, relaxamento, etc. (SOARES et al, 1992). Somado a isso, com os quartos e quintos anos, iniciar a organização de saberes gímnicos por

meio do acesso aos diversos tipos de ginástica: artística, rítmica, acrobática, entre outras, como foi realizado no primeiro bimestre de aulas de Educação Física na Escola Maria Dalva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que a experiência de ensino de ginástica na Educação Física Escolar possibilitou um exemplo de estruturação didática que é valiosa como espaço de aprendizado corporal tanto para a professora de Educação Física regente das turmas de Ensino Fundamental, quanto para o estudante de Educação Física que acompanhou boa parte do processo de construção de saberes gímnicos com as crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Nesse sentido, a experiência docente buscou descrever um estudo sobre a ginástica com as crianças, na tentativa de despertar e incentivar a autonomia e criatividade das mesmas nas aulas de Educação Física, distanciando-se do caráter mecanicista, por vezes, ainda vivido em diferentes situações na escola, portanto, focamos em um estudo construído no processo das aulas, incentivando experimentações múltiplas e estimulando a vivência da ginástica em suas variadas possibilidades de exercitação corporal, respeitando, inclusive, as capacidades motoras, cognitivas, afetivas, culturais e sociais das crianças com esse tema da cultura de movimento.

Portanto, entendemos que o estudo é uma referência significativa não apenas para os estudantes e professores de Educação Física, mas também para pedagogos e demais profissionais que lidam com os saberes do corpo e da cultura de movimentos em instituições educativas para as crianças de nosso Brasil. Logo, perspectivamos aprimorar os estudos desse tema para a elaboração de outras intervenções e produções acadêmicas.

REFERÊNCIAS

DARIDO, S. C.; SOUZA JÚNIOR, O. M. **Para ensinar educação física**: possibilidades de intervenção na escola. Campinas: Papyrus, 2017.

GONZÁLEZ; F. J.; SCHWENGBER, M. S. V. **Práticas pedagógicas em Educação Física**: espaço, tempo e corporeidade. Erechim: Edelbra, 2012.

MELO, J. P. Educação Física e critérios de organização do conhecimento. In: NÓBREGA, T. P. (Org.). Epistemologia, saberes e práticas da Educação Física. João Pessoa/PB: EDUFPB, 2006.

NATAL. SEMURB. **Conheça melhor seu bairro**: Lagoa Azul. Natal, 2008. Disponível em: <https://www.natal.rn.gov.br/bvn/publicacoes/norte_lagoaazul.pdf>. Acessado em: 09 ago. 2019.

NOBREGA, T. P. **Corporeidade e educação física**: do corpo objeto ao corpo sujeito. 2 ed. Natal/RN: EDUFRN, 2005.

OLIVEIRA, N. R. C. Ginástica para todos: perspectivas no contexto do lazer. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte** – 2007, 6(1):27-35. Disponível em: <http://www.ginasticas.com.br/conteudo/gimnica/gin_geral/ginasticas_com_gimnica_ginastica_para_todos_lazer.pdf>. Acessado em: 04 abr. 2019.

SOARES, C. L.; et al. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

STALLIVIERI, R. **Manual do professor para a Educação Física**: 3º ao 5º ano. Curitiba/PR: Terra Sul, 2017.